

# Uma mulher mineira: a construção de um ideal

Jourglade de Brito Benvindo Souza<sup>1</sup>

*Biografia de Etelvina Lima construída a partir de entrevistas realizadas no período compreendido entre 13.10.1993 a 23.03.1994, objetivando registrar sua vida profissional e atividades desenvolvidas na área de biblioteconomia no Brasil*

*...Se seguisse um outro caminho, se fizesse outros encontros,  
...teria guardado outras lembranças.*

**Maurice Halbwachs**

## Introdução

As informações constantes deste texto foram selecionadas de entrevistas realizadas com a Professora Etelvina Lima, no período compreendido entre 13 de outubro e 1993 a 23 de março de 1994, e tiveram como objetivo registrar a história de sua vida profissional, evidenciando as atividades desenvolvidas por ela no campo da biblioteconomia no Brasil. Acredita-se que a trajetória profissional de Etelvina em Minas Gerais reflita a própria história da biblioteconomia no Estado, não apenas por ser a fundadora do primeiro curso, mas por ter passado, ao longo de sua vida, como pioneira, por questões referentes à própria evolução da área, considerando-se não somente o ensino de biblioteconomia, mas, também, a criação e evolução de bibliotecas, como instituições e como conceito.

Não está na proposta deste trabalho uma explanação exaustiva das atividades profissionais de Etelvina. As mais recentes, e principalmente as desenvolvidas no contexto da Universidade Federal de Minas Gerais, não serão abordadas aqui. Incluir-se-á, entretanto, um pouco de informações referentes à sua pessoa e à sua família.

## A família

Os avós de Etelvina residiam na cidade de Itajubá e eram de origem portuguesa, e é possível que a sua avó materna tenha vindo de família francesa. Seu pai tinha cinco irmãos e duas irmãs, todos músicos e letrados. Sua mãe era filha única e era formada no curso normal.

O pai de Etelvina, Sr. Miguel Ramos de Lima, e sua mãe, Sra. Etelvina Vianna Lima, casaram-se em 1889, em Itajubá, e tiveram seis filhos: Ofélia, Alda, José, Maria Helena, Etelvina e Antônio.

Após o nascimento do segundo filho, a família mudou-se para a cidade de Ouro

<sup>1</sup> Bibliotecária da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte - MG.

Fino, onde a sra. Etelvina começou a trabalhar como professora primária. Posteriormente, também em decorrência do trabalho do Sr. Miguel, indicado fiscal de rendas do Estado, a família mudou-se para Caxambu. A vinda da família para a cidade Belo Horizonte ocorreu em 1916, em decorrência da transferência do Sr. Miguel.

Em 15 de fevereiro de 1919 nasceu Etelvina Lima, a penúltima filha do casal.

Quando a Sra. Etelvina ficou viúva, com a morte repentina do marido, a filha Etelvina tinha nove anos de idade. A família, que estava residindo em Guaxupé, retornou a Belo Horizonte, onde a Sra. Etelvina voltou a trabalhar como professora em grupo escolar do Estado.

### **Seus estudos**

Etelvina iniciou seus estudos no Grupo Escolar Afonso Pena, tendo freqüentado essa escola até o terceiro ano primário. O quarto ano de grupo e parte do primeiro ano do Curso de Adaptação ao Curso Normal foram feitos no Colégio Imaculada Conceição, em Guaxupé. No mês de agosto, em consequência da morte do pai, a família retornou a Belo Horizonte e Etelvina foi matriculada no curso normal do Instituto de Educação, onde se formou aos 17 anos de idade.

### **O primeiro trabalho**

A Sra. Etelvina Vianna Lima começou a trabalhar como professora primária aos 51 anos de idade, logo após a morte do Sr. Miguel. Já não estava muito bem de saúde e, como Etelvina tinha o mesmo nome de sua mãe, a diretora do Grupo permitia que ela a substituísse, vez ou outra. Etelvina tinha então 13 anos de idade. Aos 15 anos assumiu a regência da classe por dois meses consecutivos. A Sra. Etelvina aposentou-se em 1937. Nessa época Etelvina já estava com quase 18 anos e formada no Curso Normal. Sua mãe queria que ela fosse nomeada como professora em seu lugar. Ela não aceitou, pois não queria lecionar.

Nesse período foi aberto o 1º concurso público na Prefeitura de Belo Horizonte. Com o incentivo de sua mãe inscreveu-se no mesmo para o cargo de Praticante. Ficou classificada em 12º lugar e foi nomeada para executar serviços burocráticos, ficando nessa atividade por cerca de quatro anos.

José Guimarães Menegale era, na época, o diretor da Biblioteca Pública Municipal e levava serviço da Biblioteca para ser datilografado por Etelvina na Secretaria da Prefeitura, durante o seu horário de trabalho. Quando o mesmo assumiu o Departamento de Educação e Cultura convidou-a para trabalhar com ele, prestando serviços no Setor de Biblioteca Pública. A partir desse momento pode-se afirmar que foram iniciadas as atividades de Etelvina com bibliotecas e a biblioteconomia, embora ela ainda não tivesse formação específica na área.

### **Atividade na área de biblioteconomia**

No Departamento de Educação e Cultura, Etelvina executava serviços de datilografia e também classificava livros. Na biblioteca existia somente um catálogo, em livro, utilizado para controle do acervo.

O acervo dessa biblioteca municipal, denominada Biblioteca Pública, era constituído da coleção transferida da biblioteca existente em Ouro Preto, a antiga capital de Minas Gerais. Era uma biblioteca de imenso valor histórico. Possuía as primeiras edições das publicações, coleções de literatura na língua original. A coleção de literatura francesa era um *colosso de livros*, como disse Etelvina. As encadernações eram muito boas. Funcionava no 1º andar do prédio onde hoje é o Centro Cultural da Prefeitura de Belo Horizonte, na Rua da Bahia com Av. Augusto de Lima.

A rigor, os livros da biblioteca eram para leitura na sede mas, naquele tempo, as pessoas ditas mais importantes conseguiam levar por empréstimo os livros que queriam. A devolução não era controlada, embora existisse um livro para controle dos empréstimos.

## O Curso de Biblioteconomia em São Paulo

Na ocasião em que Etelvina estava trabalhando na Biblioteca Pública Municipal começou um movimento de aceitação e valorização da biblioteconomia na cidade de São Paulo, espelhado no modelo americano, no qual estava envolvido o Prof. Rubens Borba de Moraes. O Prof. Rubens trabalhava na Prefeitura de São Paulo, com Mário de Andrade e Sérgio Milliet.

Etelvina supõe que Sérgio Milliet e o Prof. Rubens, que era o diretor da Biblioteca Pública, tenham feito um acordo com a Fundação Rockefeller. Eles fundariam um curso de biblioteconomia no Colégio Mackenzie e a Fundação financiaria bolsas de estudos para o mesmo. O objetivo do Prof. Rubens era viabilizar a formação de pessoal para trabalhar em bibliotecas públicas a serem criadas pelas prefeituras, com o auxílio financeiro da Fundação. A bolsa era dada a partir do comprometimento do prefeito em fundar uma biblioteca pública.

Para viabilizar esse acordo, o Prof. Rubens veio a Belo Horizonte contactar intelectuais da época. Conversou, entre outros, com José Guimarães Menegale, Diretor do Departamento de Educação e Cultura do Município, que o levou a conversar com o Prefeito Juscelino Kubitschek de Oliveira. Este comprometeu-se a construir um prédio para abrigar a biblioteca municipal. O local escolhido pelo grupo de intelectuais para a construção foi o Parque Municipal, mas o Prefeito não concordou com a escolha.

No mesmo momento, também foram selecionadas funcionárias para cursarem biblioteconomia em São Paulo. A primeira candidata indicada foi Etelvina e a entrevista de seleção foi feita pelo Prof. Rubens. Etelvina foi bolsista no segundo ano do curso de biblioteconomia, em 1944.

Nessa época, também estava sendo criado o Departamento de Administração do Serviço Público - DASP, no Rio de Janeiro, que financiou a formação de alguns dos bibliotecários brasileiros de maior renome, bem como fundou um curso de biblioteconomia naquela cidade, de orientação européia, enquanto o curso de São Paulo seguia a orientação da biblioteconomia americana.

## Organização do curso

Etelvina foi para São Paulo cursar biblioteconomia em 1944, com bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, sendo seu diploma emitido pela Escola Livre de

Perspect. cienc. inf., Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 25 - 37, jan./jun.2000



Sociologia e Política de São Paulo. Era um curso muito bem estruturado, *muito trabalhoso* e funcionava em tempo integral. As partes prática e teórica eram feitas concomitantemente. Os alunos usavam, na prática, a Biblioteca da Escola e a Biblioteca Municipal de São Paulo, atualmente Biblioteca Mário de Andrade. As matérias, como eram chamadas as disciplinas na época, eram as seguintes:

- Administração geral e de bibliotecas;
- Catalogação;
- Classificação - ministrada independentemente da catalogação. Essa era uma das grandes diferenças entre as grades curriculares dos cursos de biblioteconomia de São Paulo e do Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro, era oferecida a disciplina Catalogação e classificação, sendo que o conteúdo de classificação limitava-se à explicação da introdução do sistema de classificação, sem a parte prática. Em São Paulo, o sistema de classificação era todo estudado. Era estudada a árvore do sistema, os problemas, as colocações inadequadas de assunto. Na época era estudada a Classificação Decimal de Dewey, sendo que a classe 900 era estudada pela Classificação Decimal Universal, por ser mais completa no que se referia à história do Brasil;
- Bibliografia e referência;
- História do livro e das bibliotecas.

Foi um curso de oito meses que valeu por dois anos. Se o aluno quisesse acompanhar o curso trabalhava sem parar. O número de alunos da turma ficava entre trinta e quarenta, sendo que originários de outros estados brasileiros eram três: Etelvina e Eudócia Gomes, de Belo Horizonte, e uma bolsista da Bahia, Bernadete Sinai Neves. Era um curso bem tradicional, mas muito bem estruturado.

Em São Paulo, o movimento referente à criação de bibliotecas públicas e formação de pessoal para atuar na área era encabeçado pelo Prof. Rubens Borba de Moraes. No Rio de Janeiro, era o Prof. Simões Lopes, diretor do DASP, quem trabalhava nesse sentido. Este último, durante a reforma do Estado Brasileiro definida no governo de Getúlio Vargas, em que foram reestruturados os ministérios, trabalhou pela inclusão de bibliotecas em todos esses órgãos. No bojo dessa reforma administrativa também foi criado o Instituto Nacional do Livro - INL, órgão que patrocinava bolsa de estudos para a formação de bibliotecários no Rio de Janeiro, no curso oferecido pela Biblioteca Nacional.

O curso da Biblioteca Nacional foi estruturado nos moldes da biblioteconomia européia. Eram ministradas as disciplinas Paleografia, Numismática e História. Era um curso preferencialmente de erudição.

Quando da criação do curso de biblioteconomia em Belo Horizonte, Etelvina tentou implantar o mesmo sistema adotado em São Paulo. Não foi possível. Inexistiam obras de referência disponíveis para uso dos alunos. Os dois únicos guias de referência utilizados eram emprestados pelo prof. Hélio Gravatá. A Profa. Cacilda Basílio de Sousa Reis, bibliotecária que dividia com Etelvina a responsabilidade pelo Curso e que ministrava o conteúdo de Classificação, era formada no Rio de Janeiro e trouxe todas as tendências do Curso da Biblioteca Nacional

Ao terminar o curso de biblioteconomia em São Paulo, Etelvina retornou a Belo Horizonte e ao seu trabalho na Prefeitura, com José Guimarães Menegale. Durante esse período, Menegale fez uma reestruturação no Departamento de Educação e



O INL não mandava verbas para a manutenção do Curso. Como não havia um secretário, todo o serviço de datilografia para divulgação e demais atividades continuava a ser feito por Etelvina. Os professores que lecionavam já tinham certo renome aqui, mas ministravam aulas sem receberem pagamento regular. Somente Etelvina e Cacilda recebiam mais ou menos regularmente pelo INL.

A biblioteca do Curso era alimentada pelas publicações editadas pelo próprio INL, que publicava bibliografias e também livros importantes para uso no curso, como o *Manual de catalogação*, de Antônio Caetano Dias. Havia, ainda, as publicações de Xavier Placer sobre bibliografia e o *Código de Catalogação da Biblioteca Vaticana*<sup>4</sup>.

Quando Etelvina iniciou seus esforços pela biblioteconomia, o Prof. Hélio Gravatá tinha feito o Curso de Biblioteconomia no DASP. Ele sempre foi, antes de tudo, um bibliófilo, e começou a adquirir pessoalmente os livros da área, tendo-os colocado à disposição dos alunos. Entre esses livros estavam os dois principais guias de bibliografia e referência de Isadore G. Mudge e Louis Shores. O Prof. Gravatá comprometeu-se a ajudar no que fosse possível, mas não aceitou dar aulas. A Profa. Cacilda também trouxe um exemplar da *Classificação Decimal de Dewey*, quando veio do Rio de Janeiro. Atualmente, todo esse material doado por Etelvina, faz parte do acervo da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Mas somente quando o Curso transferiu-se para o prédio da Reitoria da UFMG foi criada uma biblioteca que, entretanto, já contava com um acervo razoável, pois o próprio INL doava anualmente livros sobre biblioteconomia. Mas foi uma biblioteca formada, inicialmente, a partir da boa vontade das pessoas interessadas ou envolvidas com a área.

O Curso vivia, assim, de favores. O INL só liberava recursos para pagar aos professores em dezembro, e era apenas o suficiente para cobrir a folha de pagamento. Não sobrava mais nada.

A primeira revista que se conseguiu assinar foi a *Library Journal*. Etelvina participou de um curso nos Estados Unidos<sup>5</sup>, com duração de cinco meses, intermediado por Lydia de Queiroz Sambaquy. Filiou-se à American Libray Association, o que também lhe dava o direito de receber mais duas assinaturas como associada. A assinatura do *Library Journal* foi interrompida por ser difícil sua renovação, em consequência da limitação do mercado livreiro mineiro.

Durante os anos de 1952 e 1953, Etelvina esteve prestando serviços ao Estado do Paraná e, aqui, o Curso de Biblioteconomia ficou sob a responsabilidade de Cacilda Basílio de Souza Reis. Embora sob os auspícios do INL, o Curso também contava com a colaboração do Governo do Estado e da Universidade de Minas Gerais, principalmente através da Faculdade de Filosofia, na indicação e cessão de professores, de espaço físico e de material de apoio, principalmente material bibliográfico.

O Curso saiu da Associação Médica possivelmente em 1952. Após esse fato, passou a funcionar no Edifício Acaiaca, juntamente com o Curso de Filosofia, ficando nesse endereço de 1952 a 1953. Durante os anos em que Etelvina esteve trabalhando no Estado do Paraná, entre outras atividades, implantou, lá, o Curso de Biblioteconomia.

<sup>2</sup> Artista francesa que residia em Belo Horizonte.

<sup>3</sup> Não há como conferir os dados, pois os arquivos do Instituto de Educação se incendiaram. A documentação que restou foi enviada para a Escola de Biblioteconomia.



Em 1953, no seu retorno a Belo Horizonte, ela procurou o Prof. Orlando de Carvalho que havia assumido o cargo de Reitor da Universidade de Minas Gerais, e lhe expôs a situação do Curso. Sensibilizado com os deslocamentos constantes desde a saída do IEMG, o Reitor ofereceu uma sala no porão do antigo Colégio Afonso Arinos<sup>6</sup>, na Rua Carangola, onde também começara a funcionar o Curso de Filosofia<sup>7</sup>, em prédio recentemente construído. Em 1963, a Biblioteconomia transferiu-se para o prédio da Reitoria da UFMG e, embora ainda sob a égide do INL, esse período merece um tratamento em separado, já que nele se inicia uma nova fase do curso, em sua relação com a Universidade.

### **Nova proposta curricular**

O Curso de Biblioteconomia estava sob a responsabilidade de duas pessoas formadas em orientações diferentes: Etelvina, sob a orientação da biblioteconomia americana e com formação em São Paulo e Cacilda, sob a orientação da biblioteconomia européia e formada no Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional. Eram duas posições diversas, que interferiram na orientação do Curso. As disciplinas de Catalogação e Classificação, sob a responsabilidade de Cacilda, eram ministradas nos moldes do ensino do Rio de Janeiro, com maior peso em catalogação e com a adoção do *Código de Catalogação da Vaticana*. Esta era uma situação natural, já que as reuniões profissionais das décadas de 1940 e 1950 só tratavam de regras de catalogação. A biblioteconomia brasileira estava inteiramente voltada para o processamento técnico, não havendo uma preocupação maior com a biblioteca como um todo, e com o leitor.

Embora Etelvina não fosse a responsável pela disciplina Classificação, ela sentia que os alunos apresentavam muita dificuldade em entender o sistema, *“pois classificação é um processo mental e que exige conhecimento cultural mais amplo para compreensão da própria artificialidade da organização do conhecimento no sistema”*. A dificuldade de apreensão do sistema de classificação também estava ligada ao curso de origem do aluno. Os alunos oriundos do Instituto de Educação tinham um conhecimento geral mais amplo graças à qualidade dessa escola e, conseqüentemente, apresentavam maior facilidade na sua aprendizagem. Com o objetivo de minorar o problema, Etelvina procurou o Prof. Arthur Versiani Velloso para discutir o assunto. Ele entendeu a situação e se ofereceu para lecionar uma disciplina que foi denominada Evolução do Pensamento Filosófico e Científico. Eram aulas de cultura geral.

A disciplina Bibliografia e Referência era difícil de ser ministrada, pois as obras citadas nos guias não existiam nas bibliotecas de Belo Horizonte, mesmo havendo aqui muitas bibliotecas. Uma biblioteca muito importante para o Curso no seu início, foi a do Arquivo Público Mineiro, que era dirigida pelo Dr. João Teixeira. Podem ser citadas ainda as bibliotecas do Ministério da Fazenda, da Educação, da Secretaria do Interior, da Reitoria da Universidade, do Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos - ICBEU e do Colégio Izabella Hendrix.

<sup>4</sup> Tradução subvencionada pelo Prof. Simões Lopes, Diretor do DASP.

<sup>5</sup> Seminar in American Librarianship. School of Library Science of Simmons College. Boston:Massachussetts. 1955.



Outros professores ministravam disciplinas na época: Henriqueta Lisboa, que lecionou a disciplina Literatura, enquanto o Curso funcionou no porão do Colégio de Aplicação, e Angela Tonelli Vaz Leão, que também lecionou Literatura em substituição à Profa. Henriqueta Lisboa, marcando muito a formação dos alunos pelo seu comprometimento com o magistério.

O aperfeiçoamento do Curso era buscado permanentemente. O Prof. Arthur Versiani Velloso estava sempre conversando com Etelvina. Numa dessas conversas, ele ponderou que o Curso abrangia a evolução do pensamento filosófico e científico, mas faltava-lhe a abordagem específica da área de ciências sociais. Foi criada, então, a disciplina Introdução às Ciências Sociais, ministrada pela Profa. Maria Lúcia Andrade Garcia. Lecionou ainda no Curso de Biblioteconomia, enquanto sediado no porão do Colégio de Aplicação e em caráter temporário, a Profa. Elizabeth Vorcaro Horta, em substituição ao Prof. Arthur Versiani Velloso.

As duas disciplinas criadas no Curso de Biblioteconomia, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico e Introdução aos Estudos Sociais, foram, posteriormente, integradas ao Currículo Mínimo de Biblioteconomia, aprovado em 1962, pelo Parecer nº 326, de 16/12/1962 do Conselho Federal de Educação - CFE.

## 32

### **Seleção dos candidatos**

A seleção dos candidatos continuou a ser feita pelo SOSP até o Curso ser anexado à Universidade Federal de Minas Gerais. O SOSP não reprovava, propriamente; apenas desaconselhava o aproveitamento de alunos conforme o resultado do teste de aptidão vocacional.

Na época, a mulher estava começando a deixar de se envolver apenas com trabalhos domésticos e os pais e mães da elite de Belo Horizonte estavam buscando alternativas para as filhas continuarem os estudos. O nome biblioteconomia atraía. As professoras responsáveis pelo Curso eram do mais alto meio social da cidade. A Profa. Cacilda Basílio de Souza Reis, embora tenha vindo do Rio de Janeiro, logo envolveu-se com a elite social da cidade, pois seu marido era presidente do Rotary Clube. Isso foi bom, pois colaborou para um maior desenvolvimento do Curso, visto que as alunas eram oriundas de meio universitário ou de meio social mais elevado e, conseqüentemente, possuidoras de uma melhor base intelectual. O número de candidatos também era bastante elevado e formado tanto por jovens quanto por pessoas mais velhas que tinham vontade de estudar.

A divulgação do Curso continuou a ser feita através de notas em jornal, no início de cada ano, bem como através de ofícios enviados aos diretores das faculdades e das escolas que vieram, posteriormente, a compor a Universidade Federal de Minas Gerais. As escolas e faculdades tinham autonomia didática e financeira e contavam com biblioteca. Sempre enviavam um ou dois funcionários para fazerem o curso.

### **Novo momento - anexação à Universidade**

Com a inauguração do prédio da Reitoria da UFMG no Campus da Pampulha, o

<sup>6</sup> Também denominado Colégio de Aplicação e Coleginho, como é conhecido até hoje.

<sup>7</sup> Etelvina lembrou, durante a entrevista, que o Curso de Filosofia também começou no Instituto de Educação





foi chamada pelo então Diretor do Departamento de Assistência Social, Dr. Bernardo Figueiredo Magalhães, que lhe disse ter a intenção de montar um serviço de biblioteca no SESI. São Paulo e Rio de Janeiro já contavam com um serviço dessa natureza. Solicitou-lhe, então, um plano para instalação de uma biblioteca e, caso o mesmo fosse aprovado, iria contratá-la para implementá-lo. Entregou-lhe o regimento do SESI e outros documentos para que estudasse a Instituição e determinou que ela visitasse o SESI de São Paulo e o do Rio de Janeiro

Etelvina assumiu suas atividades em março de 1950. Trabalhava no SESI no horário da manhã e na Prefeitura no horário da tarde. O plano previa a criação de uma biblioteca e a implantação de um serviço de caixa-estante ou biblioteca ambulante. O serviço foi criado a partir de nada. A sala estava vazia quando Etelvina assumiu a função. Essa experiência foi de grande importância para suas atividades posteriores, principalmente no que se referiu à proposta pedagógica adotada posteriormente no Curso de Biblioteconomia. Foi a partir dela que Etelvina percebeu que a formação do bibliotecário brasileiro teria de ser diferente da americana ou européia, nas quais o bibliotecário, após sua formação, se integrava, como uma peça, a uma engrenagem burocrática já estabelecida. O bibliotecário brasileiro entraria para um emprego para desenvolver todas as tarefas pertinentes a uma biblioteca, desde o planejamento do serviço às demais atividades necessárias ao seu funcionamento: *“Ele entrava para o emprego para fazer uma biblioteca.”*

O estilo administrativo do Dr. Bernardo Figueiredo Magalhães foi uma escola. Ele adotava um sistema de administração participativa e trabalhava com comissões. Etelvina sugeriu que fosse criada uma delas para trabalhar junto à biblioteca, à qual teria como função colaborar na seleção de livros para compor um acervo. Participavam dessa comissão chefes de setores do SESI e, também, pessoas externas ao órgão, sendo lembrado o nome de Abílio Machado.

Etelvina registra em seu currículo que trabalhou no SESI de março de 1950 a 1954, no planejamento, instalação e direção de serviços de biblioteca<sup>9</sup>. Esses serviços atendiam à comunidade da indústria na sede da biblioteca e eram levados livros para os operários de fábricas localizadas na Capital e interior do Estado, através de um serviço de caixa-estante.

### **Caixa-estante - a primeira experiência de Belo Horizonte**

A experiência com a implantação do serviço de extensão bibliotecária através do uso de caixa-estante foi inovadora em Minas Gerais e considera-se oportuna a sua descrição. A proposta do SESI era criar uma biblioteca do estilo de uma biblioteca pública para atender aos funcionários das fábricas e suas famílias. Foi criada uma biblioteca central e um serviço de caixa-estante para o envio de livros para as fábricas, para que o operário não necessitasse locomover-se para ter acesso ao acervo existente. A proposta previa também a criação de depósitos de livros nas fábricas que tivessem um número maior de funcionários.

O envio de caixa-estantes era precedido de um contato da direção do SESI com a administração da fábrica. Se o serviço fosse aceito, era marcada uma reunião com

<sup>9</sup> Os municípios registravam as bibliotecas no INL com o objetivo de receberem doações de livros para seu acervo. Inicialmente essa doação era semestral, passando posteriormente a ser anual.

os operários para instruí-los e para apresentar o encarregado ou responsável pela caixa-estante, que era indicado pela administração da fábrica e treinado pelo bibliotecário. A rotina era a mais simples possível. O conteúdo da caixa era controlado através de listagens.

As fábricas atendidas eram em sua maioria de Belo Horizonte. Etelvina citou algumas cidades para onde eram enviadas caixas-estantes, principalmente aquelas onde existiam indústrias têxteis como Cataguases, Curvelo, Diamantina, Inimutaba, São Vicente de Minas. Em Juiz de Fora foram criadas duas sucursais: uma da Biblioteca e uma das caixas-estantes, para atender os operários na região.

### **Atividades desenvolvidas em Curitiba como enviada do INL**

Etelvina estava trabalhando no SESI e na Prefeitura de Belo Horizonte quando foi indicada pelo INL para prestar serviços ao Governo do Paraná. O Governo do Estado do Paraná e o Governo Federal fizeram um acordo para a criação de uma biblioteca pública em Curitiba, ficando a cargo do INL a responsabilidade de colaborar na formação de pessoal para trabalhar nessa biblioteca, e ao Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação - IBBD<sup>10</sup>- a responsabilidade de elaborar o projeto do prédio, acompanhar sua construção e ainda trabalhar na reorganização do acervo existente em uma antiga biblioteca, de mais de cem anos, cujo material estava encaixotado.

As atividades referentes à área de biblioteconomia no Paraná estavam sendo coordenadas pela bibliotecária Lydia de Queiroz Sambaquy e faziam parte das comemorações do Centenário de Emancipação do Estado, que ocorreria em 1954. As funções dadas a etelvina pelo INL foram a de instalação e coordenação do curso de biblioteconomia em Curitiba, e, ainda, a de docência no mesmo curso.

O currículo foi o mesmo existente em Belo Horizonte. Foram oferecidas as disciplinas catalogação, classificação, organização de bibliotecas, bibliografia e referência, história do livro e literatura.

No primeiro ano, o Curso funcionou no Colégio Maristas. No segundo, no Centro Cultural Brasil-Estados Unidos<sup>11</sup>. No terceiro ano, passou a funcionar nas dependências da Universidade de Curitiba: de onde não saiu mais em decorrência de acordo feito entre Etelvina e o Reitor da Universidade, Flávio Suplicy de Lacerda.

Além da experiência com a criação de outro curso de biblioteconomia, Etelvina também atuou no acompanhamento da construção do edifício da biblioteca, em colaboração com Lydia de Queiroz Sambaquy e orientou a seleção de equipamentos para o novo serviço. Foi uma experiência profissional nova, pois nunca havia trabalhado nessa área.

Era uma biblioteca moderníssima. Etelvina servia de ligação entre os arquitetos e Lydia, que morava no Rio de Janeiro, não podendo permanecer em Curitiba para resolver os problemas que surgiam no dia-a-dia da construção. A Biblioteca Pública de Curitiba foi inaugurada em 1954.

Etelvina retornou a Belo Horizonte em 1953, tendo recebido muitas homenagens em sua partida de Curitiba.

<sup>9</sup> Certidão emitida pelo SESI em 22 de outubro de 1973 afirma que ela trabalhou no período de 22 de março de 1950 a 01 de abril de 1956.



## A Biblioteca Pública do Estado de Minas Gerais

Em 1954, Etelvina foi transferida da Prefeitura de Belo Horizonte para o Estado de Minas Gerais, por ato do Governador, para integrar a comissão constituída para planejar a organização da Biblioteca de Minas Gerais<sup>12</sup>. Também eram membros da comissão Cacilda Basílio de Souza Reis, Maria Helena Viana de Lima, indicadas por Hélio Gravatá, e Eduardo Frieiro, que a presidia. Era Governador do Estado Juscelino Kubitschek de Oliveira que, concomitantemente ao trabalho da Comissão, encaminhou projeto de lei à Assembléia Legislativa para a criação da Biblioteca.

A comissão iniciou suas atividades em prédio localizado em frente à Rodoviária de Belo Horizonte, na rua Saturnino de Brito, definindo a estrutura administrativa da biblioteca e adquirindo material para formação do acervo. Esse acervo foi selecionado por Eduardo Frieiro, sendo uma coleção de base muito erudita. A interferência dos demais membros da comissão e de Hélio Gravatá alterou um pouco o seu perfil, incluindo publicações mais modernas das literaturas adulta e infantil, e ampliando as áreas de conhecimento cobertas pela coleção.

O projeto arquitetônico da biblioteca foi encomendado pelo Governador ao Arquiteto Oscar Niemeyer e, embora os bibliotecários percebessem e falassem sobre os problemas detectados, tanto na localização da biblioteca quanto na planta inicial, nada pôde ser mudado<sup>13</sup>. Ao término do mandato de Juscelino Kubitschek de Oliveira, as obras da construção foram interrompidas ainda na estrutura, não havendo também destinação de recursos no orçamento do Estado para aquisição de acervo. Mas a biblioteca já existia e estava funcionando no mesmo endereço.

O perfil da biblioteca era o que Etelvina chamou de *européu*, para leitura no recinto do prédio, definido pelo valor das obras que compunham o acervo. No entanto, sua estrutura administrativa previa a existência de sucursais e de carro-biblioteca para visitas às comunidades.

### Carro-biblioteca

O primeiro carro-biblioteca foi adquirido pela Biblioteca Pública durante o mandato do Presidente Juscelino Kubitschek, que liberou recursos para Minas Gerais e Paraná, por solicitação de Etelvina e Marcelina Dantas, bibliotecária do Paraná. Não existia carro-biblioteca e ele teria de ser montado em um *chassi* de caminhão ou ônibus. A indústria automobilística estava surgindo no Brasil e as duas bibliotecárias fizeram o desenho do que queriam e viajaram para São Bernardo – SP, para encomendar a montagem de dois carros. Esses foram os primeiros carros brasileiros com as características dos existentes ainda hoje.

### Conclusão

Falar de Etelvina é muito fácil se for considerado o fato de se poder citar seu nome em qualquer área da biblioteconomia, em decorrência de seu dinamismo e de

<sup>10</sup> Atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT.

<sup>11</sup> Declaração do Presidente do CCBEU na época, Sr. Francisco M. Albizú, datada de 27/04/1973, denominava o curso de Curso de Auxiliares de Bibliotecários.

seu engajamento social. Mas é também muito difícil, pelo mesmo motivo. Como escolher num leque tão abrangente de atividades o que é mais interessante ou importante? O que foi exposto aqui não foi além do que foi desenvolvido por ela apenas na década de 1950 e, mesmo assim, houve seleção a partir de um conjunto maior. Não se pode dizer que essas atividades foram as mais importantes, embora se possa afirmar que foram as mais concretas.

Uma área em que ela não está registrada como nome atuante mas com a qual, entretanto, teve um vasto envolvimento foi a de biblioteca escolar. Esse envolvimento, iniciado na década de 1950, com discussões sobre instalação de bibliotecas anexas a centros sociais a serem criados, nos bairros, pela Prefeitura para atendimento à comunidade escolar, teve seu ponto culminante quando ela participou do desenvolvimento de um projeto de biblioteca escolar e comunitária para o Estado de Minas Gerais, já na década de 1970.

Etelvina trabalhava, de certa forma, na contramão da história. Seu interesse em atividades ligadas à administração de bibliotecas e aos serviços aos usuários diferia muito do que era pensamento corrente no período relatado. Mas sua preocupação mais marcante foi, sem dúvida, com a educação. Na certeza de que não podia, a partir de sua própria experiência de trabalho, adotar, de forma acrítica, a estrutura de ensino européia ou americana, tentou inovar dando ao currículo dos cursos em que atuou um perfil mais adequado à formação do bibliotecário brasileiro. Seu envolvimento com a educação também fica constatado por sua atuação na Universidade Federal de Minas Gerais. Entre outras atividades desenvolvidas por ela nessa Instituição, cita-se a estruturação do Curso de Pós-Graduação da Escola de Biblioteconomia e sua participação, como membro indicado, da comissão que estudou a criação dos ciclos básicos.

Se conseguiu realizar todos os seus projetos, ou, talvez, sonhos, não vem ao caso. Reconhece-se, isso sim, que ela estava, acima de tudo, trabalhando em prol da mudança de mentalidades, não só na área de biblioteconomia mas, principalmente, no meio sócio-cultural daquela época.

Concluindo, gostaria de citar uma frase, ouvida por mim durante o período de realização das entrevistas preparatórias, que pode mostrar um pouco da personalidade de Etelvina, não explícita na enumeração das atividades profissionais desenvolvidas por ela:

*“Olha, eu nunca fiz nada sozinha!”*

***A woman from Minas Gerais, Brazil: building an ideal***

*Biography of Etelvina Lima, based on interviews conducted from October 13th, 1993 to March 23rd 1994, with the purpose of recording her professional life and the activities she developed in the library field in Brazil.*

<sup>12</sup> Denominação da Biblioteca Pública Professor Luiz de Bessa ou Centro de Educação Permanente, na época.

<sup>13</sup> O projeto inicial da biblioteca foi, posteriormente, completamente descaracterizado. Embora o mesmo não fosse desenhado de acordo com as especificações das bibliotecárias, devido ao seu tamanho e arquitetura, poderia ser adaptado para qualquer projeto de biblioteca, mesmo o mais arrojado.

